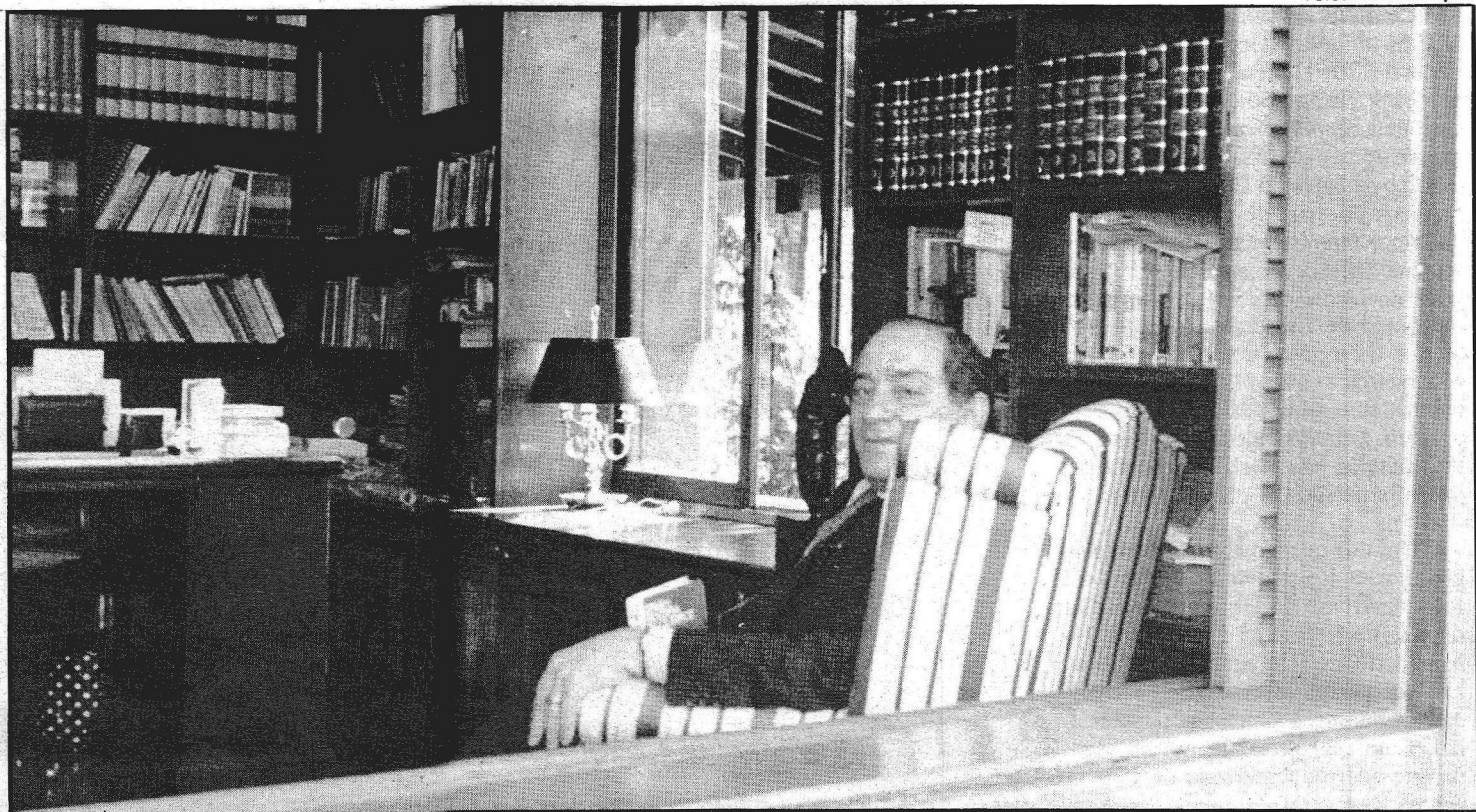


Um pioneiro na busca de talentos

Fotos: Alan Marques



Quase 30 anos depois de ter fundado a Horizonte Editora — que este ano ultrapassou a marca de 1 milhão de livros publicados — Geraldo Vasconcelos, pioneiro do mercado editorial brasileiro, é hoje alvo de diversas homenagens. Responsável pela revelação de talentos literários como o general Moacir Uchôa e o poeta Guido Heleno, Vasconcelos, no entanto, não limitou suas atividades ao ramo editorial, investindo também na construção civil e no mercado imobiliário. A carreira política também o atraiu — candidatou-se, pelo PDT (partido que deixou recentemente), a uma vaga na Câmara dos Deputados.

Do escritório de sua confortável e arejada residência às margens do Lago Paranoá, Vasconcelos lembra um pouco de sua trajetória e projeta, otimista, os planos de reformulação da Horizonte e de inauguração de um shopping cultural na Asa Sul, dentro de dois anos.

O senhor foi recentemente homenageado no Senado pela publicação de 1 milhão de livros. Como foi publicar 1 milhão de livros num país que atravessa sucessivas crises?

— Na verdade, já ultrapassamos 1 milhão — estamos na marca de 1,4 milhão de livros publicados, mais de 300 títulos editados. Além do senador Pedro Teixeira, fui homenageado também pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro e, na última quinta-feira, recebi o título de Mérito Comercial oferecido pela Federação do Comércio de Brasília. Mas não foi fácil chegar até aqui. Superamos as crises com criatividade e imaginação. Hoje chegamos a dispor de kits para doação, dentro do projeto Salas de Leitura Comunitária, para dar início a pequenas bibliotecas, em condomínios, sindicatos, associações de moradores etc. Já distribuímos 200 mil livros desta forma.

A editora conseguiu atingir auto-suficiência financeira?

— Modestamente ela se auto-sustenta. Mas estamos reformulando a empresa para ampliar nosso mercado. Vamos entrar na área de livros didáticos e reduzir a diversificação de segmentos em que atuamos para apenas seis, buscando a especialização. Até hoje, temos dado preferência a autores nacionais.

Publicamos livros técnicos, jurídicos, didáticos, literários, sobre os mais diversos assuntos. Descobrimos, por exemplo, o general Moacir Uchôa. Já editamos todos os seus livros e este ano lançaremos suas memórias. Através de uma pesquisa estamos determinando os segmentos em que vamos atuar. A área jurídica, que é nosso forte, deve permanecer, afinal é bastante respeitável a seleção de cabeças que existe em Brasília.

Como são escolhidos os temas, autores e obras que a Horizonte edita?

— Temos um conselho editorial, composto por escritores e jornalistas, que seleciona as obras. Minha opinião limita-se à área do marketing. Partimos de um critério estabelecido: não editar escândalos.

Que autores se destacam no catálogo da editora?

— O único estrangeiro é William Foxwell Albright. Entre os nacionais,

destacamos Josué Montelo, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Samuel Rawet, Bernardo Élis, Orígenes Lessa, o ex-presidente José Sarney e Almeida Fischer, que dirigiu a editora durante 20 anos.

Como nasceu a Horizonte Editora?

— Eu comecei em 1963, com uma gráfica. Aos poucos a demanda por uma editora em Brasília nos levou a fazer co-edições. Acabei fundando a editora, que nasceu em 1966 com a publi-

Vasconcelos: comemorando a marca de 1,4 milhão de livros publicados em mais de 300 títulos

cação da **Antologia de Jovens Poetas do Colégio Elefante Branco**. Continuamos com a gráfica até 1981 e hoje optamos por contratar serviços gráficos. É mais salutar em tempos de crise.

Quais foram os momentos mais difíceis enfrentados pela editora?

— A situação agravou-se há seis ou sete anos, com o fechamento do Instituto Nacional do Livro. O INL ajudava muito, comprando até 50% de algumas edições. Hoje temos um estoque de 300 mil livros, o que não é recomendável para uma editora. Até a Constituição, da qual lançamos 400 mil exemplares, está parada.

Que tipo de atitude o senhor espera do Estado para estimular o mercado editorial?

— Espero que ele intervenha subsidiando a cultura. No caso dos livros, que faça o que fazia o INL, comprando livros para abastecer as bibliotecas públicas. E também criando um sistema de distribuição, estimulando a formação de leitores e pontos de leitura. A maior parte dos editores brasileiros hoje sobrevive apoiando-se em autores estrangeiros. Quem edita só autor nacional padece um pouco. No ápice, chegamos a editar dois livros por mês. Hoje, são apenas quatro por ano.

Apesar das dificuldades, o senhor alimenta projeto de construção de um shopping cultural na Asa Sul. Como é o projeto?

— É um projeto do grupo, que ainda está sendo executado. O shopping será na 114 sul, em frente à estação 9 do metrô. Terá lojas, bibliotecas, livraria, uma pequena sala para teatro e quatro salas de cinema, com cerca de 80 lugares cada. Pretendemos estar com isso pronto em 2 anos.

O perfil do pioneiro na área editorial

Geraldo Vasconcelos é cearense e, antes de vir para Brasília, em 1959, motivado pelo sonho da nova capital, morou durante oito anos no Rio de Janeiro. “Quando cheguei aqui”, conta, “Brasília não tinha nenhum editor. Apostei no pioneirismo, conhecendo a carência de investimentos na área e pensando em criar um mercado para esta atividade na capital”. Foi assim que sua gráfica, fundada em 1963, transformou-se três anos mais tarde na Horizonte Editora, uma das três empresas administradas pelo grupo, que reúne ainda uma construtora e uma imobiliária.

Dedicando-se desde cedo ao tra-

balho, só aos 45 anos Geraldo Vasconcelos encontrou tempo para cursar Direito no Ceub, seu primeiro e único curso universitário. “Eu nunca li muito”, conta. “Entrei na Faculdade já “coroa”, primeiro trabalhei para depois estudar. Não sou um leitor especial, estou dentro da média brasileira de leitura. Por isso tive vontade de proporcionar leitura a outras pessoas”.

O editor, que só encontra tempo para ler, em média, um livro a cada dois meses, prefere as obras técnicas. Monteiro Lobato, “que também foi editor”, é um dos autores de sua vida, ao lado de Euclides da Cunha, com *Os Sertões*. Geraldo Vasconcelos pensa em escrever. “A primeira coisa em que pensamos são as memórias. Depois disso pretendo também escrever romances. Adoro contar histórias”, avisa. Sua esposa, Maria Vasconcelos, seus cinco filhos (um temporão, de 10 anos) e os 10 netos confirmam: ele tem muita história para contar.